

O lembrar não se faz sem o esquecer: fragmentos de uma entrevista

Remembering is not done without forgetting: fragments of an interview

Gizele Bakman

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

As entrevistas são as ferramentas fundamentais das pesquisas em Ciências Humanas e detêm pontos importantes para reflexão. Este relato de pesquisa pretende apontar o quanto é preciso perceber e se atentar a aspectos que vão para além do conteúdo do que se estuda. Para isso, apresento fragmentos de uma entrevista realizada, integrante de uma pesquisa de Doutorado sobre famílias, adoção e religião. A intenção é refletir sobre seu conteúdo, forma e processo, mas, especialmente, colocar luz na especificidade das fontes orais e na compreensão de que a memória é um processo social no qual o lembrar não se faz sem o esquecer.

Palavras-chave: memória; adoção; entrevista.

ABSTRACT:

Interviews are the fundamental tools of Human Sciences research and hold important points for reflection. This research report intends to point out how much it is necessary to perceive and to attend to aspects that go beyond the content of what is studied. For this, I present fragments of an interview, part of a PhD research on families, adoption and religion. The intention is to reflect on its content, form and process, but especially to place light on the specificity of oral sources and on the understanding that memory is a social process in which remembering is not done without forgetting it.

Key-words: memory; adoption; interview.

Introdução

Num táxi em direção a Copacabana, sinto certa apreensão: minha primeira entrevista da pesquisa no Doutorado! Chego a um endereço na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, muito movimentada e barulhenta. O edifício parece espremido naquela confusão e perdido no tempo, porque, quando adentro, me encontro num *hall* suntuoso, todo de mármore e com estatuetas, em formato arredondado, espelhos e tão longo, que não consigo perceber de onde vem a voz do porteiro que me fala. Fico impressionada com a mudança de atmosfera, com a passagem do tempo, ao simplesmente entrar no edifício.

Subo. Recebe-me uma senhora, gordinha, simpática, com um vestido bem informal e fresco. O dia estava horrivelmente quente e havia um barulho infernal de britadeira vindo da rua, apesar de estarmos no 9º andar. Ela me convida a entrar e parece também um pouco apreensiva; por isso busco logo me apresentar e dizer, sem entrar em detalhes, de onde conheço seus filhos. O contato foi realizado com seu filho através de mensagem pelo *Facebook* e só falei com ela ao telefone para marcar dia/hora e anotar o endereço.

Logo reparo na casa com uma decoração bem datada e arrumada. Reconheço alguns móveis e objetos como os da geração que era a dos meus próprios avós, que seriam bem mais idosos que ela. Há milhões de retratos espalhados pela casa, especialmente dos netos.

Este é o início do meu diário de campo. Com ele e a partir de trechos da primeira entrevista realizada para a pesquisa de Doutorado, intitulada “Avós, adoção e religião: laços familiares na contemporaneidade”, ainda em fase de coleta de histórias, pretendo discutir e problematizar um tema central no que se refere às fontes, que me foi despertado a partir deste encontro. Embora não seja um tema novo para muitos autores, como veremos mais adiante, o foi para mim.

Minha pesquisa de Doutorado tem como objetivo principal compreender como se tecem os laços familiares a partir da perspectiva de avôs/avós¹ que têm ao menos um(a) neto (a) adotado (a). A ideia mais ampla é compreender o ser e estar em família nos dias atuais, já que a adoção é “a possibilidade de formar uma família assentada não na biologia, mas na cultura” (PAIVA, 2004: 66).

A escolha por entrevistar avós deve-se ao fato de que, geralmente, a decisão de ter filhos, naturais ou adotivos, parte de um ou dois membros, aquele(s) que pretende(m) exercer a função de pai(s) ou mãe(s). Filhos naturais, geralmente, já são esperados ou desejados, mesmo que os/as avós não participem da decisão de tê-los; mas a adoção pode despertar surpresas e novos sentimentos.

Então, quando nasce uma criança ou ocorre a adoção, ela passa a fazer parte de uma rede de parentesco com quem, possivelmente, tecerá relacionamentos. Apesar da influência da família, há pouquíssimos estudos que ressaltam a importância da rede da família nuclear e/ou extensa em situações de adoção (DIAS e NETA, 2007; GAGNO e WEBER, 2003).

Além de problematizar o tema da construção dos laços familiares em famílias com adoção, minha pesquisa também almeja buscar o possível cruzamento do tema da

religião nessas famílias. Todas as transformações pelas quais passa a religião em nossa sociedade projetam reflexos sobre a família; ao mesmo tempo, as mudanças que percorrem o universo familiar brasileiro incidem em vários campos do social, entre eles o da religião. (FALCÃO, 2001).

Para contemplar estes temas, a pesquisa pretende entrevistar pessoas das camadas médias da cidade do Rio de Janeiro, avôs/avós da religião judaica, na tentativa de compreender como eles/elas que têm netos adotados viveram a chegada deste novo familiar, desde a notícia até os dias de hoje; enfim, como compreendem e vivem em suas famílias.

A escolha pelo judaísmo justifica-se por alguns fatores: a minha própria inserção nesta comunidade; o fato de não ser uma religião proselitista e, assim, não ter como meta agregar membros de outros possíveis grupos; e por deter um sentido singular sobre a origem das crianças, já que, segundo a lei tradicional do Velho Testamento, chamada de Halachá, e aceita pelos judeus nos últimos 3300 anos, qualquer pessoa nascida de mãe judia é judeu.²

Porém a religião e os laços familiares, focos principais da pesquisa, não são o foco deste relato. Pretendo abordar o que esta entrevista me provocou, para além dos temas pesquisados, a saber: a discussão sobre a memória, as fontes orais e a narrativa. As fontes orais são parte essencial das pesquisas, especialmente as qualitativas, porque oferecem justamente o conteúdo que se busca num estudo de campo, mas também é algo que precisa ser problematizado pelo seu caráter subjetivo. É esta discussão que pretendo aqui privilegiar, embora não seja o cerne da pesquisa que está sendo realizada, como será explicado adiante, mas porque, a meu ver, é uma instigante e importante questão.

O entrevistar

Entrevistar é um dos procedimentos mais utilizados por psicólogos, nas mais diversas áreas de atuação profissional. Mesmo já acostumada ao uso deste recurso, seja como psicóloga clínica ou pesquisadora, sempre sinto certa dose de ansiedade devido ao caráter de imprevisibilidade contido no ofício de entrevistar. A natureza de uma entrevista na clínica ou num campo de pesquisa é muito diferente, remete a procedimentos e objetivos distintos, mas as expectativas geradas se assemelham.

Nas pesquisas qualitativas, como a aqui mencionada, as entrevistas são como uma mola mestra que faz funcionar o todo. Os entrevistados detêm o que Foucault (2002) chamou de “saber das pessoas”: “um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade” (p.12). Em torno e a partir desse saber é que ocorre a articulação teórica do tema que está sendo estudado.

A Cartografia e a História Oral são as inspirações metodológicas que guiam este trabalho. Ambas valorizam a entrevista como prática de pesquisa e a consideram um recurso fundamental, que abre caminhos, traz novas ideias e recolhe/produz informações.

O uso e junção dessas duas metodologias se justifica, já que o que se pretende é conhecer como cada pessoa, em sua história e trajetória, criou/cria e concebeu/concebe o ser e estar em família. A cada entrevista, me surpreendo com o fato de que cada interlocutor elege um ponto de saída diferente para contar sua vida, cujo traçado procuro acompanhar até os dias atuais, perpassando os temas da pesquisa em questão.

No método cartográfico fala-se em pistas porque não há regras fixas, mas sim uma forma fluida de se posicionar no campo. A Cartografia aposta na construção coletiva do conhecimento entre pesquisadores e pesquisados. (KASTRUP e PASSOS, 2014). “O pesquisador articulado vai a campo e move-se com ele para aprender” (POZZANA, 2014: 59).

Tedesco et alii (2014) afirmam a importância da montagem da entrevista como experiência compartilhada entre entrevistador e entrevistado, estabelecida no domínio da linguagem. Para estes autores, a entrevista é uma ferramenta eficaz na construção e acesso ao plano compartilhado da experiência. Ressaltam que não existe entrevista cartográfica, mas manejo cartográfico da entrevista, um procedimento construído caso a caso. “Numa cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo.” (KASTRUP e BARROS, 2010: 90-91)

A entrevista é um campo de circulação onde ocorre a construção de sentidos, através do diálogo. O entrevistador não é um simples observador, pois algo se constrói no encontro da entrevista: “O olhar não é do tipo que se debruça *sobre* as mutações vividas nesse processo, mas que se constrói junto *com* elas e como *parte* delas.” (ROLNIK, 2014: 15, grifo do autor).

A História Oral, por sua vez, é um “método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro das narrativas da

experiência humana” (FREITAS, 2002: 18). Ela pretende recolher uma voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Assim, são os entrevistados que nos dão suas vozes, o que nos permite escrever sobre elas.

A História Oral valoriza as trajetórias de vida e os depoimentos pessoais. (ARAÚJO E FERNANDES, 2006). Há uma valorização do indivíduo e de suas narrativas. Ela trata da subjetividade, da memória, do discurso e do diálogo e, desta forma, mostra-se também uma metodologia fundamental e afinada à pesquisa que está sendo realizada.

Para Portelli (1997b), cada entrevista é importante especialmente porque cada entrevista é diferente, cada pessoa dispõe de um grande número de histórias em potencial, e desta forma cada pessoa pode nos enriquecer com sua experiência. O valor e a importância de cada entrevistado são pontos fundamentais e éticos na História Oral. Mas para isso o autor alerta que precisamos estar dispostos a ouvir não somente aquilo que acreditamos querer ouvir, como também o que o entrevistado considera importante contar, o que, provavelmente, deverá superar nossas expectativas.

A entrevista mencionada foi gravada com gravador digital de voz e transcrita por mim, com o cuidado de tentar preservar as palavras ditas e a forma como foram ditas. Porém, “a mais literal tradução é dificilmente a melhor, e uma tradução verdadeiramente fiel sempre implica certa quantidade de invenção.” (PORTELLI, 1997a: 27). Há autores que sugerem o termo *transcrição*, enfatizando o caráter de recriação (MEIHY e HOLANDA, 2007), o que já aponta para os atributos subjetivos do entrevistar e do narrar.

Como no Mestrado³, sinto certa aflição com a dificuldade de transpor para o papel todo o tom e a singularidade do encontro. “A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.” (BOSI, 1994: 90). Acredito que o diário de campo pode preencher parte desta lacuna, reconstruindo os cenários, as impressões, escrevendo a minha voz como entrevistadora, dando vitalidade ao texto e ao encontro, que vai além da transcrição propriamente dita. Para Rolnik, “registrar as cartografias que vão sendo descobertas/inventadas ao longo da expedição. É o que permite ao cartógrafo prosseguir viagem.” (2014: 225)

O ambiente da entrevista

Quase que instantaneamente percebo e me encanto com a diferença em relação às entrevistas realizadas na pesquisa do Mestrado e na clínica que o entrevistar na casa da própria pessoa me proporciona: penetrar em sua vida de forma efetiva e afetiva, complementando e produzindo o meu olhar como narradora e entrevistadora. A forma como desde a chegada ao prédio vou construindo o encontro, criando o seu contorno, preenchendo o cenário através das mobílias, das fotos, dos ruídos.

Violette Morin (1969 *apud* BOSI, 1994, 2003) chama de objetos biográficos os que envelhecem com o seu possuidor e se incorporam à sua vida. Eles representam as experiências vividas, afetos, e que, por envelhecerem juntos, dão uma sensação de continuidade. “Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam... falam à nossa alma em sua doce língua natal...” (BOSI, 1994: 441).

Assim, no local de moradia, posso observar e sentir a atmosfera, ver e ser apresentada a fotos e espaços, brincar de voltar a um tempo passado. Volta que se inicia desde o momento em que saio da barulhenta Av. Nossa Sra. de Copacabana e entro no prédio, também marcado pela passagem do tempo; mas somente me dou conta desses sentimentos e desta similitude ao sentar-me para escrever o diário. “A memória que é transmitida por textos, objetos, pedras, edifícios e máquinas, embora dê a impressão de preservar o passado em sua totalidade, reproduz apenas parte do que foi vivenciado anteriormente.” (SANTOS, 2003: 19).

Ensaíamos nos sentar no sofá, mas estou preocupada com a qualidade da gravação devido ao intenso barulho vindo da rua e com o fato de ficarmos confortáveis, por um longo tempo, de frente uma para outra. Então, sugiro a mesa de jantar e peço para encostar um pouco a janela. O conforto, a necessidade de um olhar próximo e direto são detalhes que me preocupam. Como destaca Portelli (1997b: 44), “... o olhar... é de grande relevância, o contato visual, o entrevistador deve ficar sentado em uma posição tal que lhe permita olhar nos olhos do interlocutor”. Desejo que possamos construir uma atmosfera de cumplicidade, já que acredito que falar de si, de sua vida e de sua família requer tais condições. Havia também, de minha parte, certa apreensão com o tema da adoção, já que estava entrando num campo de pesquisa novo e em um assunto que pode deter um viés delicado como infertilidade, segredo, abandono.

Sarah⁴

A entrevista flui. Começo com uma pergunta simples, influenciada por uma pesquisadora recém lida (PATAI, 2010). Acho que é um bom caminho mesmo. Ela parece ir ficando à vontade, pouco a pouco. Algumas vezes se emociona, especialmente quando fala dos pais, do marido já falecido e dos tempos mais difíceis. Falar da vida parece ser para ela, especialmente, falar do passado.

Gizele: Primeiro, assim, a senhora pode contar um pouquinho da sua vida. Onde a senhora nasceu? Qual a sua idade? Falar um pouquinho deste caminho.

Sarah: Meu nome é Sarah Bar. Eu nasci dia 11 de fevereiro de 1946 na Av. Suburbana. Meus pais moravam lá. Meus pais moravam lá. Papai trabalhava na fábrica Klabin de azulejos. A mamãe era dona de casa, tomava conta da casa, sempre vinham parentes para a nossa casa, que era grande, tinha quintal (na saída ela me mostrou uma foto desta casa em sua estante), tinha árvores, tinha cachorro, tinha uma porção de coisas. Era assim de dois andares, a casa, embaixo tinha a sala, cozinha, banheiro e o quarto de empregada. E em cima, tinha três quartos, banheiro. O telefone ficava lá em cima. Quando o telefone começava a tocar e a gente estava no quintal, saía correndo, subia as escadas. Tum, Tum, Tum e aí atendia ao telefone lá em cima.

Tenho uma boa surpresa com esta proposta inicial: a partir de uma primeira e simples pergunta, recebo uma descrição cheia de detalhes, imagens, sons, através dos quais quase sou capaz de sentir os cheiros e ouvir os ruídos da casa. Dominique Veillon (1987) citada em Pollak (1989: 11) justamente mostrou que as lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, como pontos de referência, são de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores. Até o momento desta entrevista, não podia imaginar que um início, simples e geral, nos levaria a um tempo tão antigo e tão significativo. Meu fascínio e surpresa não são tão novos: em minha busca e leitura percebo que muitos outros pesquisadores, especialmente ligados à corrente da História Oral, já haviam indicado que: “A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções” (BOSI, 1994: 435).

Sarah é viúva, 69 anos, aposentada e tem três filhos. O mais velho, Davi, médico, casado com Carla, pedagoga, pais de um casal de filhos: Maria, adotada, 17 anos e Rafael, 16 anos. Sua segunda filha, Rosa, psicóloga, é casada e mãe de um casal de filhos: Gui, de 14 anos, e Bela, de 10 anos. E seu terceiro filho, Marcelo, economista, é casado, mora no exterior e também é pai de um casal de filhos: Iuri, de 5 anos e Tali, de 3 anos.

Gizele: E aí, quantos netos a senhora tem?

Sarah: Tenho seis. São lindos, lindos demais.

Gizele: Quem é o mais velho?

Sarah: Os mais velhos são do Davi: a Maria e o Rafael

Gizele: A Maria (neta adotada) está com quantos anos?

Sarah: A Maria está com 17, o Rafael com 16.

Gizele: A Maria foi a primeira neta?

Sarah: A Maria foi a primeira neta. Ela que trouxe a felicidade de nascer todos os outros depois.

As noções de avô e de avó são relativamente recentes (PEIXOTO, 2000). Na Europa, até o século XVIII, a imagem dessa geração estava vinculada à velhice, à decadência e à morte. Ao longo dos anos, observa-se a transformação das características dos avós, consequência do aumento da esperança de vida e do recuo do modelo patriarcal, até então assimilado a uma autoridade forte da geração mais velha, com certa distância afetiva. As relações afetivas entre avós e netos emergem nos anos 1930, quando os primeiros se tornam colaboradores dos pais na socialização das crianças.

Gizele: Quando eles (Davi e Carla) casaram, a senhora começou a pensar: vou virar avó?

Sarah: Ah, sim, sempre quis. Eu sempre quis. O Davi demorou um pouco com a Carla. Demoraram um pouco. Ela tinha problemas de ovário, esqueci o nome. O médico falou você pode ter filho daqui a um ano, daqui a dois, daqui a cinco, daqui a dez. Aí eles resolveram adotar a Maria.

Gizele: Como você soube desta decisão deles de adotar a Maria?

Sarah: Ele falou para mim. A gente fica preocupada porque nunca aconteceu isto na família.

Gizele: Primeira adoção da família?

Sarah: Primeira adoção. Isto nunca aconteceu. A gente sempre fica preocupada, quem é que vai pegar, quais são as... Mas a gente ficou numa boa. Eu, quando ela chegou, eu me encantei. Tinha até um retrato que eu fiquei olhando, embevecida. Uma gracinha, uma gracinha, linda.

(...)

Gizele: Seu marido, lembra como é que foi para ele quando Davi disse que ia adotar uma criança?

Sarah: Nem lembro muito não. Não lembro muito não. Ele também ficou preocupado. Ficou preocupado, mas depois a gente aceitou numa boa. Quando ela chegou, eu já aceitei logo. Eu já aceitei logo.

Gizele: Quando viu o nenenzinho?

Sarah: Tão bonitinho, muito fofa.

Gizele: Quando viu o nenenzinho? Ou antes? Ou quando viu o nenezinho?

Sarah: Eles até foram buscar as coisas para ela. Fizeram uma viagem para os Estados Unidos, foram buscar, compraram uns negócios. Eu estava vendo que eles estavam desenvolvendo para chegar a Maria

Gizele: Demorou? Este processo de adoção demorou?

Sarah: Não, não sei, aí já não sei. Acho que demorou um pouco sim. Até viram qual a criança que tinha mais afinidade com eles. Nem sei nem como é que é feito a adoção. Nem sei.

Gizele: Aí ela chegou!

Sarah: Chegou. É linda demais, eu fiquei encantada, e a gente curte; eu curto muito ela. Curto muito. Acho ela uma graça.

Sarah manteve-se durante a maior parte da entrevista num estilo falante, detalhista e amoroso, ao falar da juventude, do casamento, do nascimento dos filhos, da vida de aposentada, das amigas e, principalmente, dos netos. Falava com disposição e desenvoltura. Mas surgiram passagens em que ela dizia não se lembrar, onde foi mais econômica em sua fala, diferente de uma fala solta, cheia de detalhes, risos, que preencheram a maior parte da nossa conversa. Esses trechos mais “vazios” me pareceram significativos e me fizeram pensar sobre a memória/esquecimento como algo com destacado significado, como processo, a ser focalizado e discutido. Diz Eclea Bosi

(2003: 45) que “... a expressão oral da memória de vida tem a ver mais com a música do que com o discurso escrito”.

É preciso esclarecer que minha impressão não foi que ela queria me esconder algo, mas que simplesmente eram pontos pouco valorizados por ela, detalhes que, de alguma forma, ficaram excluídos de sua memória, trazendo assim o foco para outros pontos da história. Lotman e Uspenskij (1973, apud PORTELLI, 2006) compreendem a memória cultural como “um espaço em constante evolução e mudança, no qual o esquecimento se torna uma função da lembrança” (p.72). Assim, lembrar e esquecer estão intimamente envolvidos, não podem mais ser separados, como aqui nas reminiscências de Sarah.

O lembrar e o esquecer:

“Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas.” (BOSI, 2003: 18). Assim, os temas sobre a memória e as fontes orais têm estado no cerne da minha reflexão desde a realização desta primeira entrevista. A falta de informações e o esquecimento em torno do momento da adoção me chamaram a atenção e destoaram de tom do resto da entrevista, cheia de detalhes e descrições, como já dito. Para Nietzsche (1983, apud SANTOS, 2003: 31), a vida é impossível sem o esquecimento. E “[...] uma das características da história oral é que a testemunha reconstrói o passado à sua maneira, à luz de sua trajetória e em função de seu presente. O que ela relata é a sua percepção, no momento da entrevista, do que viveu no passado. Ela fala hoje sobre ontem” (FARIAS, 1994: 144).

O tema da memória é e foi bastante estudado no campo da Psicologia Social por diversos autores, de diferentes linhas e com formas distintas de investigação. Maurice Halbwachs, sempre muito mencionado nestes estudos (FREITAS, 2002), desenvolveu uma teoria na qual o lembrar não é reviver, mas sim refazer, reconstruir, com imagens e ideais de hoje. E essa reconstrução do passado depende da integração do indivíduo ao grupo social, com o qual compartilha suas experiências. Para ele, a memória do grupo se realiza e se manifesta nas memórias individuais (SANTOS, 2003). Os indivíduos não recordam sozinhos. Eles precisam da memória dos outros para confirmar suas próprias memórias. Ele estuda os “quadros sociais da memória” (BOSI, 1994: 54), onde a

memória do indivíduo depende do relacionamento com o seu entorno: família, classe social, escola, comunidade, profissão, grupos de referência. A memória é compreendida como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992). E que, de forma positiva, reforça a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo. (POLLAK, 1989)

Outros autores também fizeram conexões entre o social e a memória, como Barlett e Stern (BOSI, 1994), que compreendem também o ato de lembrar como sendo tanto individual quanto social. É o indivíduo que lembra. O grupo retém e reforça as lembranças, mas o indivíduo, ao lembrar e em como lembra, também recorta e ressignifica. Assim, é interessante perceber o que cada sujeito lembra “... no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1994: 37).

No trecho abaixo, Sarah comentava sobre seu filho Davi ser bastante ligado à religião, como era o seu próprio pai. E segue comentando que ele teve certa dificuldade em aceitar que o neto pretendia casar com uma moça que não era judia (que acabou por se converter). Então, quando ela começa a falar da adoção, pergunto sobre a aceitação da família em geral, mas especialmente do pai dela, bisavô da criança, figura central nos relatos da Sarah no que diz respeito a família e religião. A minha pergunta a deixa confusa e desconcertada, mas este espaço é logo preenchido, de alguma forma.

Gizele: E quando a Maria veio, ele estava vivo ainda teu pai?

Sarah: Deixa eu me lembrar. Não me lembro mais. Acho que não.

Gizele: Ele faleceu quando? Se ela está com 17, ela nasceu em 98, né?

Sarah: Acho que papai já tinha morrido. Papai morreu em 94. Acho que foi depois.

Gizele: Você imagina que seria difícil para ele aceitar isso ou ele aceitaria?

Sarah: Não, aceitaria. Ele era como eu: queria ver a felicidade das pessoas, das pessoas que ele gosta. Ele lutava por isto, ver a felicidade das pessoas. Mamãe aceitou numa boa também.

Todas estas teorias que valorizam o esquecimento como um processo social, quando articuladas ao tema da adoção, como neste caso aqui explorado, podem indicar que há coisas importantes a serem lembradas pelas pessoas que vivem a situação de

adoção em suas famílias, e outras nem tanto: “... não são as palavras que interessam e sim o que elas contêm” (MEIHY, 1996: 57).

Para Patai (2010), as “histórias de vida” não nos apresentam a “realidade”; trata-se de uma evocação verbal, feita por uma pessoa, numa determinada situação, de diálogo, onde se conta uma verdade que é importante para aquele que conta. Annunziato (2007) também aborda este tema e assinala que é costume dizer que é impossível fugir do passado, mas que, com o estudo das narrativas orais, agora sabemos que o mesmo acontece com o presente. Ela revê as ideias de Adam Schaff (p. 146), para quem a construção histórica é seletiva e os critérios de seleção dependem do presente. Assim, a história modifica-se em função dos interesses do que está sendo vivido no presente. “Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado...” (BOSI, 2003: 20). Assim vemos na continuidade da conversa com Sarah:

Gizele: Hoje em dia a senhora lembra que ela é adotada? Pensa na família biológica dela?

Sarah: Não, eu não. Eu sou muito ligada a ela. Não sei. Para mim ela é minha neta mesmo, de coração, de tudo.

Gizele: Nem lembra deste dado?

Sarah: Nem lembro.

(...)

Gizele: Você conhece outras pessoas, você tem outras amigas? Você tem no teu círculo de amizade alguma outra amiga que tem netos adotados também?

Sarah: Eu sei. Eu sei sim, tem algumas pessoas que adotaram. Mas as pessoas não falam muito não.

Gizele: Não falam. Não é um tema importante?

Sarah: Não é um tema que as pessoas falem. Só se perguntar. Mas ninguém fala não. A Maria sabe, né, mas ninguém fala não. Eu realmente, eu nem lembro que ela é adotada.

Gizele: Se não tocamos neste assunto? (Rindo)

Sarah: Nem lembro, nem lembro.

Gizele: Já está totalmente, isto ficou totalmente no passado?

Sarah: É minha netinha, minha netinha querida. No passado. Realmente, nem lembro. Para mim é minha netinha. Amo ela. Toda hora: oi querida, para lá e para cá. Adoro ela. Todos eles, né. Eu sou assim mesmo.

Portelli (1997a) também compreende a memória não apenas como um dispositivo passivo de fatos, mas “um processo ativo de criações de significações” (p. 33). Assim, a História Oral é diferente porque “nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*” (p. 31, grifos do autor). Se o passado não pode ser recuperado “tal como foi”, pois o tempo transforma as pessoas e essas mudanças modificam o passado, que agora somente pode ser visto pela luz do presente, como compreender a noção de verdade? A partir destes pontos de vista, as fontes orais passam a ter uma credibilidade diferente e sua importância pode se situar “não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais”. (p. 32).

[...] as fontes orais têm uma forma “diferente” de confiabilidade, que é exatamente a sua subjetividade. Por incluir o erro, a imaginação, o desejo, as fontes não só revelam a história acerca do que aconteceu, senão que também o significado da história; o significado (como se apresenta através da forma narrativa e linguística), mais que o “fato”, é o que distingue a história oral e a torna um mecanismo necessário para a história da subjetividade (PORTELLI, 2008, grifos do autor).

É justamente nesta possível fragilidade que a História Oral vê o seu sentido e o lugar a ser ocupado, com originalidade, segundo Meihy e Holanda (2007). São as versões dos fatos que nos interessam e inspiram. Assim sendo, para a História Oral, “a verdade está na versão oferecida pelo narrador que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas” (MEIHY, 1996: 35). Ela diz respeito a “... versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais” (PORTELLI, 1997b: 16).

Desta forma, a história é sempre construída através de uma memória processual e social, o que torna o tema da adoção e seu esquecimento ainda mais intrigante e rico. “Tanto o entrevistar, como o tema, ajudam a direcionar as lembranças e os esquecimentos...” (ARAÚJO e FERNANDES, 2006: 26).

Gizele: Mas na época com suas amigas? Ou a família? Não foi uma questão?

Sarah: Não, não me lembro de que tenha sido não. Todo mundo aceitou ela numa boa. Ela. E logo depois foi o Rafael também, né. Então, aceitamos e gostamos muito dela. Todo mundo gosta dela. Ninguém lembra que é adotada não.

Assim, compreendemos que narrar uma história de vida é construir uma trajetória, colocando ênfase e luz nos aspectos que são importantes. Concluo que, para Sarah, a adoção em si passa a ser algo menos importante, o foco fica no amor, na convivência, no cuidado e nas histórias vividas no dia-a-dia, na relação de afeto e cuidado construída entre os membros da família, incluindo sua neta adotada.

Gizele: Para a senhora o que é família?

Sarah: Família é isso. É isso que a gente tem. Todos lutando para o bem comum. Ajudando o que precisa, o que precisa ajuda o outro, em termos, né, vamos ver, tomara que seja, né, assim: quando um precisa, a gente ajuda.

“A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”, diz Pollak (1992: 204). Se compreendemos que a subjetividade não diz respeito a um campo individual, mas sim a processos de produção social, Sarah não fala só por si, mas por sua família e contexto social. A construção que nos apresenta de sua história é também dos que a cercam. “Cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente” (CERTEAU, 2012: 37).

Quando fala dos netos, sua voz parece sorrir. Transmite uma postura muito positiva da vida, bom humor e amorosidade. Quando terminamos, respondo às suas perguntas sobre como conheço seus filhos. E ela se oferece para ser entrevistada de novo, caso eu precise, o que me parece um sinal de que gostou e que se sentiu bem em relatar parte de sua vida.

Patai (2010: 24) ressalta: “A oportunidade de falar longamente sobre a própria vida, de ter sua história gravada, tornar-se significativa”. Este é um ponto assinalado pela autora em sua pesquisa com mulheres brasileiras. Penso que especialmente para as pessoas da terceira idade, no nosso tempo e estilo de vida cotidiana, tão corrida e sem espaço, com os filhos e netos já crescidos, isto pode tornar-se, realmente, um acontecimento. Um dos problemas enfrentados pela geração mais velha é a solidão, já que sua rede social se torna reduzida pela morte de amigos e parentes, a vida social também se enxuga já que estão, na maioria das vezes, fora de ambientes de trabalho e, frequentemente, com problemas de saúde que agravam a locomoção.

Gizele: Mas quem a senhora vê mais? Convive mais?

Sarah: A gente via mais quando eles eram menores. Agora cada um tem a sua turma, a sua vida, então aí eu vejo menos. Mas eu procuro participar. (...) Sempre procuro participar de todos os eventos com eles.

Gizele: Eles vêm aqui também?

Sarah: Vêm assim. Amanhã a Maria disse que vem amanhã. O Rafael, ele já fica mais na escola com os amigos. A Rosinha está morando longe, na barra. Antigamente tinha mais contato (...). Mas aí ficou muito ruim para eles. É longe, né, a barra daqui, eles vinham dormindo, chegavam muito cansados, porque é um espaço de tempo muito grande, da hora que eles saíam. E aí também não tenho assim muito, muito contato. Mas eu vou, sempre que me chamam, eu vou. Qualquer atividade, qualquer evento que eles tenham, eu participo. Mas eles assim, eu acho... A gente se sente um pouco carente, né? Porque fica sozinha, né?

Apesar do tema da religião não ser o foco deste relato, ele também fez parte da entrevista e também foi marcado por um tipo de silêncio: o de não perguntar, tal como no tema da adoção. quando Sarah disse que é algo que não se fala e não se pergunta.

Sarah: Olha, fico feliz de eles terem continuado a religião judaica. Todos os três fazem shabat⁵. Ninguém é religioso.

Gizele: Mas, por exemplo, a senhora sabe como que o judaísmo pensa a adoção? A senhora alguma vez parou para perguntar para alguém?

Sarah: Não, nunca perguntei nem a rabino, nem para nada.

Gizele: Nem com o Davi? (Pai da criança e pessoa atuante na vida comunitária em sua sinagoga). Nunca conversou sobre isso?

Sarah: Não, nunca mesmo.

Conclusão

A entrevista com Sarah me propiciou, especial e inadvertidamente, refletir sobre o tema da memória e das fontes orais. Eu buscava pensar e entender sobre família, adoção e religião, mas o que emergiu neste encontro foi além do que eu procurava.

Assim considero fundamental refletir também sobre os aspectos do campo da pesquisa, que dizem respeito ao processo, não somente ao conteúdo, que falam mais do inesperado, do surpreendente, porque são significativos, impactantes e inquietantes. Reforço a importância de se ser um pesquisador numa busca sempre aberta a imprevistos e a novos conhecimentos, como preconizam as pistas do Método Cartográfico: olhar para além do que se busca.

Também esta entrevista me fez perceber que é justamente na alteridade do encontro e na construção de sua narrativa, na conversa, e ao escrever sobre ela, que se encontra a riqueza desta trajetória de vida e de sua compreensão – pontos ressaltados e valorizados pela História Oral. Assim, a escolha das duas metodologias de pesquisa se fortalece: Cartografia para seguir os passos e os imprevistos; História Oral para valorizar aqueles que estão dispostos a contar suas vidas.

Com Sarah, pude compreender que os passos pelos quais se rememora a vida são construídos com o cimento dos valores familiares, e que vão sendo firmados ao caminhar, deixando para trás aquilo que não é tão importante de ser mais lembrado.

Quanto aos temas da adoção e religião, temas da pesquisa, mas não o foco deste relato, o que pode ser dito é que ajudam a costurar o familiar como uma experiência coletiva de amor, cuidado e pertinência. E que falar sobre família é justamente contar, criar e rememorar histórias, passear entre o que lembrar e o que esquecer.

Referências

- ANNUNCIATO, Angela. Uma voz, um fato, duas versões: Lembranças que se escolhem. *Oralidades* nr. 2, jul/dez 2007.
- ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tânia Maria. O diálogo da História Oral com a historiografia contemporânea. Em: VISCARDI C. M. R. e DELGADO, L. A. N. (Orgs.) *História Oral: teoria, educação e sociedade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.
- BAKMAN, Gizele. *Entre o roteiro e a viagem: família e crianças pelo caminho*. 2013. 94f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª edição, 1994.
- _____. A substância social da memória. Em: BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano, 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.

- DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; NETA, Maria Irene Ferreira Lima. A adoção na perspectiva de avós adotivos. Em: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. (Org.) *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- FALCÃO, Márcia Couto. Pluralismo religioso em relações familiares: poder, gênero e reprodução. *Interface* (Botucatu); vol. 5, núm. 9, p. 173-174, agosto 2001. <http://www.scielo.br/pdf/icse/v5n9/20.pdf> Acesso em: 22/09/2013
- FARIAS, Ignez Cordeiro. Um troupiér na política: entrevista com o general Antonio Carlos Muricy. Em: FERREIRA, M. M. (Org.) *Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
- FREITAS, Sonia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GAGNO, Adriana Pellanda; WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. A adoção na mídia: revisão da literatura nacional e internacional. *Paidéia*, 13(25), 2003.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia, Em: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- _____; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. Em: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. *Pistas do método da cartografia 2: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, com pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PAIVA, Leila Dutra de. *Adoção: significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- PATAI, Daphne. Construindo um eu: uma história oral de mulheres brasileiras. Em: PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. Em: PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François de; CICCHELLI, Vincenzo (Org.): *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3.
- _____. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro: vol. 5a, n. 10, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. *Projeto História*, nr. 14, fev/1997a.

- _____ Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, nr. 15, abr/1997b.
- _____ A Bomba de Turim: a formação da memória no pós-guerra. *História Oral*, v. 9, n. 1, jan.-jun. 2006.
- _____ História oral italiana: raízes de um paradoxo. *Tempos Históricos*, vol. 12, segundo semestre/2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/2210/1706>. Acesso em 29/06/2017.
- POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. Em: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. *Pistas do método da cartografia 2: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: sulina, 2014.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2014.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. *Memória coletiva & teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.
- TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. Em: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. *Pistas do método da cartografia 2: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: sulina, 2014.

Gizele Bakman
Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro (PPGPS/UERJ)
E-mail: gizele.bakman@gmail.com

¹ Na língua portuguesa, a palavra no plural usada quando nos referimos ao mesmo tempo à avó e ao avô é avós, no plural feminino, e é aqui utilizado sem detrimento de qualquer um dos gêneros.

² A outra forma de tornar-se judeu é através da conversão, procedimento longo de estudo e obrigações, que tem regras rígidas dentro da lei religiosa, inclusive a passagem por um tribunal rabínico.

³ Em minha Dissertação de Mestrado (BAKMAN, 2013), o tema das famílias também foi abordado. Realizei entrevistas com grupos de crianças sobre o que pensam sobre famílias, como a definem e com quais critérios determinam quem são consideradas como seus integrantes.

⁴ Todos os nomes citados são fictícios. Escolhi Sarah por seu simbolismo: Sarah é a primeira matriarca da história do povo hebreu e, ela, minha primeira entrevistada.

⁵ Shabat, literalmente, quer dizer sábado, sétimo dia da semana. Religiosamente refere-se ao mandamento de tornar este dia sagrado, não exercendo qualquer tipo de trabalho desde o pôr-do-sol de sexta-feira até o pôr-do-sol de sábado. A intenção é proporcionar uma distinção entre o mundo físico e o mundo espiritual, destinando o tempo para a realização de atividades que visam desenvolver aspectos espirituais, como a prece e a reflexão. No entanto, a forma de cumprimento deste mandamento varia, como variam as correntes religiosas e a aderência a elas. No caso da família de Sarah, não ortodoxa, “fazer shabat” refere-se, provavelmente, ao acendimento das velas na sexta à noite, com as devidas bênçãos e as demais relativas ao vinho, ao pão e ao dia de descanso.